

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA COMO UM ESPAÇO OPORTUNIZADOR DE INQUIETUDES

ENTREVISTA COM **PHILIPPE POMIER LAYRARGUES**

CONCEDIDA À BÁRBARA DE CASTRO DIAS

O Professor Philippe Pomier Layrargues¹ foi o primeiro entrevistado em nossa pesquisa de mestrado: "Em Busca de uma *Práxis* em Educação Ambiental Crítica: Contribuições de alguns pesquisadores do Brasil"². Ele é graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Santa Úrsula e especialista em Planejamento e Educação Ambiental pela Universidade Federal Fluminense. É Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas.

Trabalhou durante cinco anos no Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente contribuindo com a ampliação do campo da Educação Ambiental em nosso país, e atualmente é Professor Adjunto do curso de Gestão Ambiental da Universidade de Brasília e pesquisador do Laboratório de Investigações em Educação, Ambiente e Sociedade da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sua área de atuação dentro da Educação Ambiental é bastante abrangente incluindo temas como ideologia, ambientalismo, ecologia política, política pública e formação em gestão ambiental.

Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/5998489922535561>.

Possui alguns trabalhos muito emblemáticos para a construção de uma consciência crítica em Educação Ambiental, como por exemplo, o artigo "O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental"³, que inclusive ele cita nessa entrevista, como um de seus mais relevantes trabalhos em sua trajetória como pesquisador do campo da Educação Ambiental Crítica.

Layrargues foi um dos três primeiros nomes que pensamos em nossa pesquisa, além dele, selecionamos outros dois pesquisadores: Mauro Guimarães e Carlos Frederico

¹ A autorização para a publicação dessa entrevistas foi concedida pelo professor Philippe Pomier Layrargues, após consulta, via e-mail.

² DIAS, B.C. Em Busca de uma *práxis* em Educação Ambiental Crítica: Contribuições de alguns Pesquisadores do Brasil. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, Mestrado em Ensino de Ciências, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, RJ, 2013.

³ LAYRARGUES, P. P. . O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: Philippe Pomier Layrargues; Carlos Frederico Bernardo Loureiro; Ronaldo Souza de Castro. (Org.). Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania. 1ed.São Paulo: Cortez, 2002, v. 1, p. 179-219.

Loureiro. Essa seleção seguiu alguns critérios como: (1) relevância da produção teórica dentro do campo da Educação Ambiental Crítica de acordo com levantamento bibliográfico prévio; (2) a auto-identificação desses próprios pesquisadores em passagens de seus textos com a Educação Ambiental Crítica; (3) e a nossa identificação teórico-conceitual e acadêmica com esses autores. Após a entrevista, visando a continuidade da pesquisa, era solicitado que o professor pesquisador entrevistado, indicasse outro professor, que na sua concepção, poderia ser relevante para a pesquisa.

Layrargues foi entrevistado, na ocasião de sua vinda ao Rio de Janeiro para participação em uma banca de mestrado no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia em Nilópolis (atualmente ele reside em Brasília). Sua colaboração foi essencial, pois, desconstruiu de primeira alguns conceitos, para nós ainda eram confusos, já que estávamos iniciando nosso caminho na pesquisa, principalmente a relação entre teoria e prática: “Acho que é uma falsa questão essa desassociação entre a teoria e a prática nesses termos de ação e reflexão. Porque produzir uma reflexão também é uma ação.”.

Além de apontar como falsa a desassociação entre teoria e prática, Layrargues propõe que a educação ambiental crítica é um espaço oportunizador das inquietudes, principalmente daqueles que assim como ele (e como nós), se incomodaram com um sistema socioambiental injusto e insustentável, e para isso ele sugere que o campo se aproprie das reflexões e contribuições, principalmente das ciências sociais. Segue abaixo a entrevista com o Professor Philippe Pomier Layrargues:

Bárbara: Em relação à educação ambiental conservadora, o que uma educação ambiental que se propõe crítica pode contribuir com a essas reflexões sócio ambientais? Isso dentro do âmbito da escola, pois nosso trabalho é voltado para professores.

Layrargues: Acho interessante a gente poder pensar no que significa o campo como um todo, da educação ambiental. Nós temos essa qualificação crítica para educação ambiental, em termos históricos é relativamente recente. Mais ou menos nos anos de 1990 se configura um pouco mais um olhar que era novo na época para dentro da educação ambiental, um olhar de autorreflexão. Por que tem um corte na história da educação ambiental, onde teve uma tendência a definir o que é um conceito. Cada um dava um conceito diferente do outro, só que naquela época o campo não estava maduro suficiente para perceber que na verdade estávamos discutindo abordagens políticas e pedagógicas.

Bárbara: A partir dessa autorreflexão, qual seria a definição da educação ambiental?

Layrargues: É como dizer que a partir do início dos anos de 1990, mais ou menos, educação ambiental como um conceito é tudo aquilo que gira em torno das relações de indivíduo, sociedade, educação e ambiente. Se tentarmos qualificar qualquer coisa a mais, é bem provável que entremos num terreno mais pantanoso, decorrente de políticas pedagógicas. A partir daí começou a ficar mais visível. Algumas pessoas no Brasil e fora do país começaram a analisar práticas, trabalhos concretos em educação ambiental e reparando tendências, onde um tem mais a ver com economia ambiental, outro tem mais a ver com gestão de resíduos sólidos e outro com biorregionalismo. Então começaram a classificar um pouco essas tendências. Alguns repararam em outras lógicas uma ênfase muito grande no educando ou uma ênfase muito grande no ambiente, ou uma ênfase muito grande no processo pedagógico. Nisso, algumas pessoas colocaram nessa leitura dizendo como palavras chaves, por exemplo, que “o que importa é o ser humano que estou formando”. O outro diz que o que importa é aquele ambiente ser preservado. E há quem diga que o que vale é modificar o processo educativo. O caso brasileiro pode ser muito interessante, porque foi aqui que a gente criou uma possibilidade de ler a educação ambiental, a partir de um parâmetro que é transformar ou reproduzir a sociedade. Sobre aquela velha questão da educação, que com o aparelho ideológico do estado serve para você manter as assimetrias sociais, os níveis de desigualdade ou serve só para transformar, posso afirmar que serve para duas coisas, dependendo das forças políticas e ideológicas. E a educação ambiental ou entra nisso ou está à parte. Por que esse qualificativo ambiental isentaria a educação ambiental desse debate mais de fundo?

E começamos a dar conta que a educação ambiental tem tudo a ver. No meio a gente pode encontrar formas de reproduzir a sociedade ou de transformar. Com isso a gente conseguiu criar no Brasil uma linha de raciocínio que foi muito interessante, pois hoje ela resultou nesse conceito de educação ambiental crítica. Lá no final dos anos de 1980, a então educadora ambiental Isabel de Carvalho fez na sua dissertação de mestrado uma primeira leitura que já dava essa pista: de educação ambiental alternativa e a oficial.

A oficial era promovida pelos aparelhos ideológicos do estado, na escola, no estado, pelos órgãos públicos responsáveis por gerir as políticas de educação ambiental. E a alternativa era aquela que vinha de movimentos sociais, pela sociedade organizada e por aí a fora. Essa é a trajetória de origem da educação ambiental crítica.

Bárbara: E o que surgiu a partir daí?

Layrargues: Para avançar nesse raciocínio podemos dizer que daquele ponto em diante começamos a ver um monte de possibilidades e, de repente, a gente vê cada sujeito educador ambiental, do campo mais profundo, das raízes da educação ambiental fazer outras derivações: educação ambiental transformadora, educação ambiental popular, ecopedagógica. Na hora que percebemos que o campo amadurece e internamente se torna mais visível, as fronteiras ficam meio nebulosas. Podemos fazer outro movimento agora, pois temos tantas leituras diferentes que ficamos meio confusos. Estou com um texto recente do Gustavo Lima, outro colega nosso que está muito dentro dessa reflexão sociológica da educação ambiental e estamos tentando, para facilitá-lo, tentar olhar em torno do que temos chamado de macrotendência. Essas macrotendências que abrigam essas múltiplas possibilidades político/pedagógicas da educação ambiental. Estamos vendo três macrotendências hoje: a educação ambiental conservacionista, a educação ambiental pragmática e a educação ambiental crítica.

Podemos dizer que na história global, a educação ambiental começa como uma educação ambiental conservacionista que é essa que parte muito das ciências da vida, da terra, da biologia. É quando surge aquele sinal de alerta; quando uma crise ambiental começando a se estruturar aparece.

E essa educação ambiental conservacionista é aquela que na sua origem sempre falou muito daquele jargão de “conhecer para amar, amar para preservar”, para sabermos que tem um desmatamento, que tem poluição. Todos os problemas ambientais que a gente observa lá na ponta, na natureza, nessa relação de superioridade entre o sujeito e objeto, entre o ser humano e a natureza. Essa é uma das tendências, e é uma das tendências totalmente despolitizadas, sem ideologias. As abordagens da educação ambiental conservacionista elas não consideram as relações sociais, as práticas sociais, elas estão completamente apartadas com a dinâmica da vida. É meramente um ensino de ecologia atualizado. Ensino de ecologia atualizado porque hoje essa ecologia incorpora o ser humano entre os fatores dessas relações e essa vertente entende que o ser humano tem um impacto muito grande, tem uma presença muito significativa e por contrapartida a natureza, ecossistemas são mais frágeis do que poderia se imaginar na troca. Essa abordagem ainda tem um problema, por vir da ciência da terra, das ciências naturais de homogeneizar o ser humano instituindo seus sentidos sócio/político e cultural. É a expressão puramente biológica do ser humano. E você nivela tudo como humanidade, impacto antrópico, então parece que são todos iguais, parece que todos são igualmente responsáveis pela crise ambiental e vítimas da crise ambiental. Então você se distancia ainda mais de qualquer possibilidade de ter um enfrentamento coerente que poderia ter.

Essa é a vertente original, digamos assim, de longa trajetória na educação ambiental. Ela passa meio batido em todos os sentidos que foram dados pelas grandes conferências orientadoras, Belgrado e Moscou frisaram a necessidade da análise de conjuntura, de se levar em conta os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais.

Bárbara: Essas conferências ajudam ou atrapalham nessa construção da educação ambiental?

Layrargues: Nem ajudam, nem atrapalham, dependendo de como se apropria delas. Todo mundo na educação ambiental já ouviu falar de Tbilisi, o problema é só falar, ficou a palavra. Dizem que conhecem a palavra-chave, mas quem leu as quarenta e tantas recomendações do Tbilisi? Quem fez mesmo o exercício para entender o que era aquilo? Se a gente quiser dizer, Tbilisi dá todas as pistas para ter uma educação ambiental crítica de sempre. É muito curioso ter que reinventar a roda. Essa vertente da educação ambiental conservacionista continua vigorosa; as suas lideranças estão muito bem embasadas, têm trabalhos muito interessantes, muito refinados conceitualmente e ela hoje está se atualizando para uma educação ambiental que está ligada ao ecoturismo, ligada a unidades de conservação, está ligada a determinados biomas como educação ambiental e manguezal, educação ambiental e áreas costeiras. O professor Pedrini, por exemplo, está com uma coletânea de educação ambiental e áreas marinhas. Esse é um dos campos que tem, mas ele não é dominante, ele não é hegemônico, mas é vigoroso, é forte, é bem sólido entre os seus praticantes. O segundo podemos dizer que é uma atualização dele, que é uma educação ambiental pragmática, que é a segunda grande macrotendência. Ela é como se fosse uma atualização da educação ambiental conservacionista que se desenvolve praticamente no urbano, que se tem pouca facilidade em levar os educandos para o contato com a natureza, de ter toda aquela relação afetiva, sensitiva com o natural. Aí entra a questão que foi o vetor inaugurador, que foi trabalhar com o lixo. No urbano, educação ambiental e lixo foi o grande tema que inaugurou a educação ambiental pragmática, a coleta seletiva, reciclagem. Foi nos anos 90 que começou essas derivações e a partir daí todos tinham que assinar a carteirinha de educação ambiental e reciclagem. Foi uma situação quase totalizadora no campo da educação ambiental.

Essa prática hoje se atualiza para a ideia de poluição e consumo sustentável. A política dos sólidos fortalece ainda mais, vem a mudança climática e todas essas leituras de pegada ecológica e economia verde estão nesse campo de educação ambiental pragmática.

Na mesma medida que a conservacionista, ambas são conservadoras, por que ela também não trabalha os fundamentos, o modelo como é que acontecem os estilos de produção e consumo, os modos de desenvolvimento, as relações sociais. Também apresenta uma leitura de natureza destituída de sujeitos, a natureza é uma coleção de recursos. Então a educação ambiental pragmática se nutre do ambientalismo pragmático que é só resolver os problemas, buscar ecoeficiência e pronto. Como se apropriação e uso do espaço da natureza não implicasse em decorrência que afetam grupos minoritários, ou grupos dependentes de extração de recursos naturais para sua sobrevivência, para sua reprodução social.

Ambas as expressões, a pragmática e a conservacionista, são conservadoras e com um potencial muito limitado de enfrentar esse modelo de desenvolvimento que tem hegemonicamente. Aparece então um terceiro campo a educação ambiental crítica, que vai reunir a ecopedagogia, a educação ambiental transformadora, a educação ambiental emancipatória. Então é um pouco esse cenário que se contrapõe a essas outras duas leituras, por que se mostra insatisfeito com elas, por que repara que é preciso ir além do que essas práticas dizem.

Existem alguns vetores que são contraditórios, mas que, grosso modo, a impressão que fica é de que não queremos condenar ou recriminar o que se faz na educação ambiental pragmática ou na conservacionista, porque é preciso ver além, então não falaremos apenas de uma indução de comportamentos individuais no âmbito doméstico ou privado, mas também da situação coletiva no âmbito público, da esfera política e assim estaremos dando uma noção maior de amplitude.

A educação ambiental pragmática prima muito pela ação, como ela se nutre do ambientalismo pragmático de resultados parece que há ansiedade de ver um efeito, tipo um mutirão de lixo (que começou na Estônia), que é uma campanha mundial de se ter um dia de mutirão usado para catar lixo e encaminhá-lo para reciclagem, que é passado nas cooperativas. Isso é maravilhoso. Mas é muito nítido tudo isso, nessa aflição de se ver aquela montanha de lixo e pensar: "que bom! a cidade está mais limpa!". Mas é um desperdício de oportunidades, como dizia Boaventura de Souza Santos, por que fazer uma ação dessa envergadura se isso não mobiliza para refletir sobre o que é aquilo?

Há uma série de elementos que constitui os parâmetros para uma educação ambiental crítica, mas em essência ela permite, talvez em primeiro lugar, poder fazer uma análise da conjuntura, a partir de uma determinada ação, de uma prática, de um tema gerador, poder problematizar a realidade, para que se entenda que os fatores sociais, econômicos, políticos, ideológicos, ambientais e ecológicos, se relacionam, como são os modos de produção, como é que as coisas giram em torno

da economia. Há uma série de questões, que é como se estivéssemos o filme “Matrix”, pois no final tudo fica aparente e transparente; é permitir práticas como a do mutirão de limpeza, que vai conduzir o que é lixo ou resíduo para reciclagem e é perceber qual o modelo e qual o sistema que está por trás do modelo capitalista. Começa, então, a se desenvolver o raciocínio, buscando entender, discutindo que há três pilares. Não se foge da ideia da descartabilidade, da ideologia do consumismo. Isso é o que precisava ganhar foco e atenção. É como se a educação ambiental crítica fosse um pouco a consciência dos educadores ambientais e quando se fala de desperdício e de oportunidades, perguntar de que adianta fazer mutirões para limpar a cidade, encaminhar tudo para coleta seletiva e no dia seguinte estar tudo igual, por que o modelo não mudou. Alguns dizem que é como se sempre ficássemos enxugando gelo: o gelo vai continuar derretendo e não adianta secá-lo. É preciso mudar a lógica, o sistema, e colocar o “gelo” em um ambiente frio para ele parar de derreter. Esse é o valor das reflexões. Considero que o grande cenário da educação ambiental crítica é quando se tem a capacidade de fazer essa análise de conjuntura, mas é também um espaço de compreensão do mundo, de pessoas insatisfeitas, inconformadas com a perversidade do sistema. Talvez haja essa ordem a ser seguida, mas é necessário fazer a análise para perceber as crueldades que estão por trás do modelo que usa os recursos naturais humanos para exploração, para acumulação do capital e geração de mais valias. Isso mexe com quem se sente inconformado, por que percebe que a injustiça que se vive hoje está de mãos dadas com a exploração da natureza. São coisas que não estão desassociadas, nós é que as vemos separadamente. Essa é uma descoberta que a educação ambiental crítica pode proporcionar. Ela é fértil no terreno das pessoas que têm o incômodo de viver em uma sociedade desigual e injusta.

A educação ambiental crítica pode, por exemplo, dar luz para entender por meio da análise de discurso, a diferença entre eles. Outro dia ouvi um desses comentaristas de uma rádio, dizendo: “Por que na Índia tem muito mais pobreza que no Brasil, mas lá não há violência? É o brasileiro que é violento! Tem mais é que colocar na cadeia, tem que prender mesmo”. Todo um discurso construído sobre uma premissa falsa. A questão não é a pobreza, é a desigualdade, pois é a ela que a violência está associada, porque as pessoas sentem um desnível absurdo, além de que ainda existe a mídia que induz ao consumo. Essa abordagem crítica da educação, e não só da educação ambiental, dá munção para entendê-la em toda a sua complexidade. Isso vai ser semeado nessas pessoas que têm esse perfil e que vão se engajar por uma luta pela transformação social, com melhores condições. Como vão de fato fazer uma ação que, via de regra, é como nadar contra a correnteza? Mas elas encontram as oportunidades, as brechas do sistema, então conseguem fazer uma coisa coerente com a ideologia e com o que se está tendo

expectativa para esse outro mundo. Por exemplo, o jargão do Fórum Social Mundial: “Um outro mundo é possível”.

Bárbara: Quais seriam os principais elementos para a construção de uma *práxis*, em educação ambiental crítica?

Layrargues: Por ter visto um debate que aconteceu entre os educadores ambientais, eu acompanhei um processo no Rio de Janeiro que dava a entender que separava quem estava na academia fazendo educação ambiental de quem estava na escola. Existia uma rivalidade, uns acusando os outros. Alguns diziam que os outros só falavam; havia os que só pensavam e os que só escreviam. E ficou assim por um bom tempo, inclusive os práticos, que batiam no peito dizendo que não ficavam só falando. E o povo na “teoria”, escrevendo, refletindo e teorizando. É uma coisa curiosa, mas acho que é uma falsa questão essa desassociação entre a teoria e a prática nesses termos de ação e reflexão. Porque produzir uma reflexão também é uma ação. Mas, antes de tudo, a educação ambiental crítica não se afasta da prática, apesar de certas acusações que algumas pessoas fazem, por imaginar que é muita produção teórica, muita intelectualidade e pouca mão na massa, mas o negócio é esse: dar oportunidade para as pessoas, antes de tudo, não abrirem mão da reflexão e não desperdiçarem a oportunidade de aprendizagem. Creio que pode haver uma questão para se analisar um pouquinho melhor, que talvez seja a nossa grande barreira, nosso grande desafio para a educação ambiental crítica: que haja uma vinculação muito forte com a sociologia e com a economia política, porque precisamos desses conceitos. Acho difícil trocar em miúdos, mas há facilidade de se entender o que é poder, ideologia, hegemonia, transformação social, o que são esses conceitos que explicam a sociedade, que dão o instrumental para podermos compreender os modelos dos sistemas além da aparência. Penso que quando conseguirmos encontrar essa possibilidade, isso ficará mais visível para as pessoas que não têm essa separação entre teoria, prática e reflexão na educação ambiental crítica.

Bárbara: Você poderia apontar algumas práticas que podem ser desenvolvidas dentro da perspectiva de uma educação ambiental crítica?

Layrargues: Todas as práticas de educação ambiental podem ser levadas a essa perspectiva, desde que os protagonistas do processo tenham em mente que aquele objeto que está sendo analisado seja visto como um tema gerador e não como uma atividade de fim. Que, especialmente na educação ambiental pragmática, não se tenha a ideia de ter resultados concretos, de se ver as coisas como atividade de fim e acabou. Na medida em que se consegue ver que o tema gerador pode se desdobrar em questões e que vai aprofundando e analisando, o caminho está aberto.

Bárbara: Até mesmo a coleta seletiva, que é uma coisa batida, conservadora, depende do trato que vai se dar àquela questão?

Layrargues: Todo esse universo de educação ambiental pragmática tem essa possibilidade, é muito nítido, o processo é viável. Educação ambiental e ecoturismo, por exemplo, estão ligados a essa outra vertente, mas na educação ambiental pragmática qualquer um desses campos de mudança climática, de produção, de consumo sustentável e dos resíduos sólidos, que são os mais poluentes, consegue se apropriar daquilo que está sendo trabalhado nessa abordagem do tema gerador e aí se busca, como o Tbilisi recomendava, fazer as devidas leituras de conjuntura e interdisciplinares de todos os fatores que implicam naquilo. Assim ele vai se tornando aparente e desalienando o processo. Mas no âmbito da própria educação ambiental conservacionista, que pode parecer mais árida para a abordagem crítica poder entrar, é o ecoturismo, por exemplo, com muita gente trabalhando, que tem a expectativa de que o educando é o turista, é o sujeito visitante que vai àquele espaço natural para conhecer a biodiversidade, encantar-se com aquilo e voltar para a cidade renovado, sentindo-se importante por entrar nessa onda de ecologia. Só nos esquecemos de que o ecoturismo é um grande segmento de mercado que mexe com bilhões de dólares no Brasil e que nesse movimento de recursos temos, ou não, a distribuição das riquezas que são geradas. Se utilizarmos o olhar crítico, poderemos ver que de fato o turista não é só o educando, é também a comunidade como um todo daquele processo ecoturístico, para eles se verem como mão de obra, como os trabalhadores que mantiveram a biodiversidade em forma e que agora aquela natureza é preservada e é objeto de visitação. Há uma série de questões sociológicas que podem ser abordadas.

Qualquer prática que se imaginar poderá ser vista e desenvolvida com uma abordagem crítica. O problema é a bagagem sociológica de compreensão do mundo, que penso ser o nosso maior entrave. No campo da educação ambiental nos servimos muito mais dela do que do educativo e muitos de nós temos origem na biologia ou na ecologia; não aprendemos sociologia nessa graduação, isso é um fator limitante e temos que encontrar uma forma para sair dela, senão ganharemos muito terreno com isso e ficará muito mais fácil as pessoas perceberem como trabalhamos.

Minha trajetória foi de muito longo prazo, levou décadas para eu entender e isso foi com muito incômodo, porque sempre fui movido pelos incômodos. Comecei com a educação ambiental dentro do terreno conservacionista, nitidamente, trabalhando no Projeto Tamar, cuidando de tartaruga marinha e pensando em educação ambiental pelo visitante que ia lá para o projeto e explicar o que estava acontecendo por lá. Mas quando você olha ao redor e amplia a tua lente de visão do mundo e percebe onde está: ao lado de uma reserva indígena, no Espírito Santo. E pensar que o

Projeto Tamar cessou com a principal fonte de proteína daquela galera. Então há conservação, existe uma reserva indígena e uma Aracruz Celulose. Afinal, o que é a cultura daquela comunidade?

De repente começamos a pensar num projeto conservacionista interferindo na cultura, nos hábitos alimentares de outros e isso motiva a pensar além. Aquela prática me fez ir para a psicologia e depois para a sociologia, é isso que acontece quando se é movido por incômodos: corre-se atrás. Mas seria natural para mim, como biólogo, me envolver com educação ambiental, se não tivesse essa motivação, essas inquietudes.

Questiono se o passo desse incômodo me faz perceber que aquilo ali não dá, faz-me pensar em fazer por mim também. Eu fazia um projeto de coleta seletiva e via que tinha um monte de outras questões. E a resposta está em nomes como Carlos Frederico Loureiro, Naúfi, outro grande nome na educação ambiental e Dalva dos Prazeres, que convidou o Fred para falar de um trabalho que ele havia feito, cujo tema era "Educação ambiental para classes populares". Todos eles questionavam, pois era muito fora do comum. Mas ficou a semente para vários de nós, mostrando que há pessoas vendo isso. Mas quem vem da biologia não enxerga e é isso que eu acho que é nosso grande problema: a questão das sociologias.

Bárbara: Então, das práticas, todas podem ser encaminhadas à educação ambiental crítica desde que se tenha essa discussão sociológica?

Layrargues: Isso eu acho que é mais difícil.

Bárbara: O que você viu e realizou dentro da perspectiva crítica? Fale sobre alguma experiência real no âmbito da perspectiva crítica da educação ambiental que você realizou ou encontrou em seu trabalho.

Layrargues: Não posso deixar de falar de um dos textos (O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental) que tive o maior prazer de ter feito. Levei oito meses escrevendo, mas a impressão que tenho é que foi um texto psicografado, porque passei uns seis meses só fazendo aquilo. Ia dormir com ele na cabeça e no dia seguinte trabalhava e ia buscar fontes; é um texto que fala do cinismo da reciclagem. Ele é muito revelador para mim mesmo, porque reflete bem a importância que teve com as descobertas dessas aparências, que não são tão translúcidas como gostaríamos que fossem. Lembro-me de ter ouvido não só um, mas alguns depoimentos de pessoas que leram esse texto e chegaram a mim, furiosas, dizendo que tirei o chão delas. Porque elas estavam confortáveis, fazendo seus trabalhos de reciclagem na escola, achando que aquilo era o que precisava ser

feito. Aí leram o texto e travaram. Na época eu não tinha ideia da repercussão que teria e por isso não tive o cuidado de colocar considerações finais, alguns caminhos, algumas pistas. Mas a grande maioria das pessoas que me deu retorno, falou que foi maravilhoso e fundamental, mas que eu tirei seu chão. É isso: a minha militância e ação prática são muito pela literatura, a fim de oportunizar alguns instrumentos para as pessoas poderem caminhar com mais autonomia para a direção que elas querem. E esse texto foi muito simbólico, muito representativo para isso.

Eu poderia falar hoje de um exemplo concreto que estou fazendo para não ficar só na produção teórica e intelectual, mas que é ação também, uma ação política e não pragmática de intervenção. Estou com um projeto de extensão na própria universidade, um projeto interno, que aparentemente está no marco da educação ambiental pragmática. Que é simplesmente trabalhar com a "retornabilidade" das pilhas e baterias usadas. Então faz parte do projeto estamos lá no canto da universidade, com o coletor laranja para as pessoas trazerem as pilhas e baterias, para podermos depositar o que pode ser considerado lixo tóxico em um lugar mais coerente. Aqui a questão é a seguinte: como é que se faz para isso se tornar crítico?

Há todo um debate em relação ao estado, à sociedade e ao mercado. Tem o debate que é colocado para o CONAMA, o órgão superior no sistema nacional de meio ambiente, que dizem que as pilhas e baterias que se usa no cotidiano e todos os eletroeletrônicos que mudaram nossas vidas, não é mais lixo tóxico.

Devemos ao deputado estadual Carlos Minc, na época na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, o esforço para qualificá-los como lixo tóxico em doses mínimas, mas essa somatória de doses homeopáticas está na mesma proporção que o agrotóxico, que a agroecologia faz crítica. Notamos, no dia-a-dia, que paulatinamente estamos entrando completamente na zona de risco com doses homeopáticas de veneno de lâmpadas fluorescentes. No debate que estou levando, contabiliza-se uma grande quantidade de pilhas que recolhemos mensalmente. Portanto, a ideia não é só dar um caminho certo para a reciclagem e a descontaminação e sim perceber até que ponto as pessoas vão se indignar e chegar a uma conclusão: o que o estado brasileiro diz que não é tóxico, será que não é? Qual meu nível de aceitabilidade ao grau do risco tecnológico? Até onde quero conviver com esses venenos espalhados no ambiente de uma forma geral?

A motivação é fazer com que as pessoas se incomodem, não com o vínculo direto de pegarem a bateria no controle e levarem para reciclar, mas sim com a política pública, pois aí vão entrar em uma ação coletiva nessa esfera; vão começar a ver que precisam de algum tipo de movimento e pressionarão os políticos que perceberão que isso não é brincadeira, fazendo-os ver que somos cidadãos e que

não toleram viver em uma sociedade de risco. Então saímos da ação individual e vamos para a esfera coletiva. É claro que nem todo mundo se mobiliza assim, mas basta haver uma sementinha, alguém que vai entrar no mundo da política, vai tomar parte na batalha e vai entender que não dá para fugir disso. Há uma coisa que meio depõe contra: essa subjetividade que alguns de nós temos de nos incomodarmos com as injustiças, talvez não seja uma lógica para o ser humano; acho que o conformismo acaba predominando. Mas temos que oportunizar esses espaços, para que as pessoas que possuem essas inquietudes possam se ver e se entender. É como se fossemos descobrir vocações e esse é um paralelo interessante, na mesma medida como Paulo Freire pensava: "a escola é um espaço para descobrir a vocação das crianças e não enquadrá-las para ver como vamos selecioná-la". A educação ambiental crítica pode oportunizar essas pessoas que são inconformadas. É como aquele rebelde sem causa, fazê-lo encontrá-la. Em termos societários, sem dúvida que podemos ter um efeito multiplicador bem grande.

Bárbara: É um começo, não?

Layrargues: Sim. Uma coisa interessante para organizar as ideias e oferecer as condições a quem está incomodado por se encontrar nesse caminho, para fazer a crítica consistente.

Bárbara: Obrigada, professor, pelos esclarecimentos. Suas considerações finais, por favor?

Layrargues: Apenas para frisar alguns pontos. É importante não abrimos mão do espaço para reflexão consciente que precisa de uma base da sociologia e da economia política para entender como se movem esses processos. Porque se continuarmos falando de democracia, de cidadania, de palavras-chaves muito bonitas, no final das contas você perceberá que elas são vazias e não têm o menor sentido.

O mundo hoje se configura muito pelas disputas narrativas; é dar sentido, significado para as coisas. O tempo todo se depara com a mídia e a propaganda, que também são superfortes, com mensagens dizendo para onde ir e o que fazermos e temos sempre que fazer o balanço disso. A realidade é multifacetada, tem vários ângulos e quem sabe esses outros ângulos não agradem mais?

Já passei por experiências de orientar pessoas com trabalho de educação ambiental que se encantam com a ideia de redes, da conectividade daquele mundo lindo e maravilhoso, mas isso é sistêmico. Essa abordagem é funcionalista, ela é completamente alinhada com o pensamento liberal. E essas pessoas não conseguem

ir além, não conseguem enxergar o diferente. Não sei se é falha minha não ter conseguido isso, mas há subjetividade, existem preferências mesmo.

Acho uma coisa interessante: o Sandro Tonso, em Campinas, está fazendo uma pesquisa que acho que será muito boa, que é de tentar ver do ponto de vista de quem está na educação ambiental pragmática e conservacionista, qual é a visão de sociedade, de educação e de sujeito. Entender melhor se existe clareza na sua opção político/pedagógica, se compreende isso, ou se é mais uma visão imperfeita do mundo e se poderia dar um salto de qualidade. Fico muito curioso com o que vai aparecer daí.

Algumas pessoas como Rita Mendonça e Vivianne Amaral falam muito de Capra, de conectividade, com trabalhos muito pertinentes, bem aprofundados. Mas sente-se, no discurso, que estão falando o tempo inteiro de justiça social, referindo-se a coisas às quais a sociedade que está aí não fecha os olhos, mas também não avança nesse assunto. Por que não faz isso? Porque acha que é para outras pessoas fazerem? Ou por que a curtição dela ali é grande demais e tem medo de perder o foco? Eu não sei o que acontece. Quem trabalha com educação ambiental na área de conservação é a natureza; esse é mesmo o universo dos valores.

Bárbara: Pensei em questionar os outros educadores ambientais, não somente aqueles que trabalham com a crítica. Como seria o pensamento dos outros?

Layrargues: Na educação ambiental crítica as pessoas afirmam que eu pertencço a esse território e explicam porque. O Fred (Carlos Frederico Loureiro) diz muito isso nos textos e nas palestras: “não vamos confundir o crítico que é só o questionador”, também temos a teoria crítica, que é outro ponto. Tudo bem, essa educação está sendo nutrida pelos dois lados. Muitos alunos viram na graduação que têm uma dificuldade enorme. A educação ambiental crítica começa por ser questionadora, mas não é só isso, temos que ter a meta de transformar a sociedade; não precisamos nos contentar só com o que está posto aí. A educação ambiental crítica se rotula, se nomeia e se identifica. Os outros não.

Bárbara: Aí vem uma dúvida: por que os outros não se rotulam?

Layrargues: Porque talvez não eles não tenham filiação com a educação ambiental crítica; dizem que não pertencem a essa praia, talvez por uma deficiência teórico-conceitual. Falam que esse debate é desnecessário. “Tem que trabalhar, a natureza precisa ser protegida.”; “Não se deve ficar perdendo tempo.” Eu já ouvi isso também. Não é um preciosismo dizer o nome das coisas e o nome da coisa é sua identificação, é a carteira de identidade. Por trás do nome daquela coisa tem um universo de sentidos e valores.

Bárbara: No sentido de darmos continuidade ao nosso trabalho de esclarecimentos sobre o tema abordado nesta entrevista, gostaria que nos indicasse um ou dois pesquisadores para ser entrevistado.

Layrargues: Com certeza, o Gustavo Lima, da Paraíba (UFPB). □



Revista
Ciências & Ideias